

MATERNIDADE E MONSTRUOSIDADE LITERÁRIA: MARY SHELLEY E O NASCIMENTO DE *FRANKENSTEIN*

VITOR DA MATTA VÍVOLO*

CARLA REIS LONGHI**

A presente pesquisa é excerto de um trabalho de iniciação científica realizado entre 2012 e 2013 na PUC-SP, subsidiado pelo PIBIC-CEPE e contemplado com o título de Menção Honrosa no 22º Encontro de Iniciação Científica da instituição. *Frankenstein e Moreau: a Ciência do século XIX através da Literatura* visou contemplar os ramos históricos, científicos e literários determinando seus caracteres interdisciplinares e mutuamente influenciadores. Por meio das obras *Frankenstein, Ou O Prometeu Moderno* (1818, por Mary Shelley) e *A Ilha do Dr. Moreau* (1896, por H. G. Wells) e sua sobreposição com tratados e discussões do meio científico contemporâneo à suas produções, realizou-se uma leitura de viés bakhtiano de *polifonia* e *dialogismo* (aliada ao conceito de *apropriação* e *materialidade* literária de Roger Chartier) a fim de investigar e comprovar a existência de discursos confluentes nos ramos da chamada

* Graduando em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). E-mail: <vlestatvivo@gmail.com>.

** Orientadora da pesquisa e docente da Universidade Paulista (UNIP) e da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). E-mail: <carlalonghi@uol.com.br>.

ciência acadêmica juntamente ao surgimento do gênero literário de “ficção científica”.¹ O presente artigo tem como objetivo exemplificar esta abordagem através da vida e obra da escritora Mary Shelley.

A presença de figuras femininas nos campos de autoria literária do século XVIII e XIX é marcante, mas geralmente legada a figuras como Jane Austen ou às irmãs Brönte. Pouco se discute, principalmente nos estudos brasileiros de autoria feminina inglesa, a relevância e pioneirismo daquela que “deu luz a *Frankenstein*”. Nascida em 30 de agosto de 1797, Mary Godwin – que mais tarde se tornaria famosa pelo sobrenome herdado de seu marido, “Shelley” – foi a criança concebida pelo célebre casal político-radical formado por William Godwin e Mary Wollstonecraft. William foi um importante filósofo político e escritor de ensaios proto-anárquicos ingleses, enquanto sua esposa foi talvez a maior influência na vida de sua filha e uma das primeiras mulheres a enviar tratados feministas a serem impressos pelos prelos britânicos. Sua posição educacional era completamente contrária àquelas em voga da época:

O casamento e a educação feminina eram dois pontos nevrálgicos na sociedade inglesa. A questão da educação seria debatida ao longo de todo o século XVIII. Havia os defensores da educação estritamente utilitária, que capacitasse a mulher a arranjar um marido e a desempenhar suas funções domésticas. Esta ideia era baseada em argumentos filosóficos e na suposta inferioridade física das mulheres. O problema residia nas mulheres que não eram casadas e que precisavam se sustentar e

¹ BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. 6. ed. São Paulo: HUCITEC, 2010 e CHARTIER, Roger. Textos, impressão, leituras. In: HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

muitas vezes também à própria família. Por outro lado, havia aqueles que achavam que a educação feminina deveria levar em conta também o seu intelecto, de maneira que as mulheres fossem providas das chamadas “virtudes masculinas” do conhecimento e da autoconfiança.²

O radicalismo de Wollstonecraft provinha dos fantasmas da adolescência, na qual tomou às rédeas da casa, cuidado dos irmãos e irmãs, frente a um abusivo pai alcoólatra e uma mãe resignada. Também foi altamente influenciada por dissidentes religiosos e suas influências liberais frente à Igreja Anglicana, desenvolvendo o espírito feminista de suas lutas sociais. Seus envolvimento amorosos com figuras dos campos intelectuais da sociedade também sempre contribuíam para a complementação de sua educação primária precária. Indócil às ferramentas que tornavam a vida das mulheres contemporâneas “tolerável”, Wollstonecraft chega ao escandaloso ponto – para a época – de estar com trinta e dois anos, solteira, possivelmente virgem e seguindo a carreira de escritora profissional. Sua autoria produz cerca de duzentos e noventa trabalhos entre julho de 1788 até o fim de 1790.³

A autora publica em 1792 sua obra prima *Vindication of the Rights of Woman*, ou *Em Defesa dos Direitos da Mulher*, produzindo um recorte mais detalhado conforme continuava seu livro do ano anterior sobre os direitos dos homens em geral. Um ardente texto em defesa da educação feminina, da igualdade entre sexos e da valorização das capacidades das mulheres e contra as injustiças sociais cometidas:

² MOTTA, Ivania Pocinho. *A importância de Ser Mary*. São Paulo: Annablume, 2009, p. 29.

³ Cf. SAPIRO apud MOTTA, op. cit., 2009, p. 36.

Como filósofa, leio com indignação os epítetos plausíveis, que os homens utilizam para suavizar seus insultos; e, como moralista, pergunto qual é o significado de tão heterogêneas associações, tais como belos defeitos, amável debilidade, etc? [...] uma profunda convicção de que a educação descuidada de meus semelhantes é a principal causa da condição de precariedade que deploro e que as mulheres, em particular, são tornadas fracas e infelizes por uma variedade de causas concomitantes [...]. Mas se fosse provado que a mulher é naturalmente mais fraca do que o homem, de onde vem a ideia de que é natural para ela esforçar-se para se tornar ainda mais fraca do que a natureza pretende fazê-la? [...] Para tornar-se respeitável é necessário o entendimento, pois não há nenhum outro fundamento para obter um caráter independente; quero dizer explicitamente que (as mulheres) devem curvar-se apenas à autoridade da razão, em vez de serem as modestas escravas da opinião.⁴

Sua obra é recebida com espanto pelos círculos literários e políticos, fazendo com que seguidores e seguidoras surjam em admiração. Apresentados cerca de cinco anos antes, em um jantar na casa de amigos em comum cujos assuntos foram dominados por seus debates dissonantes, reencontra Godwin em 1796. Agora, famosos e aclamados por seus escritos, ambos se apaixonam e, de forma controversa a um casal político liberal, resolvem se casar seguindo os moldes de união da época (ou talvez nem tanto, visto que Mary já possuía uma filha de um casamento anterior). Enquanto trabalhava em seus escritos mais recentes, um romance e uma série de livros sobre a educação de crianças, sua bolsa estoura e as dores do parto tem início.

Infelizmente, tendo complicações do parto, não consegue sair da cama para cuidar de sua filha recém-nascida; e, quase um

⁴ WOLLSTONECRAFT apud MOTTA, op. cit., 2009, p. 68-69.

mês depois, Wollstonecraft falece devido à febre puerperal (mal comum da época devido à má assepsia de instrumentos utilizados por parteiras ou médicos). Deixando aquilo que muitos acadêmicos consideram as maiores cicatrizes emocionais na vida de Mary: o sentimento de culpa pela morte de sua mãe e carência de amor materno. A pequena órfã, no entanto, era a menina dos olhos do pai e, em contrapartida, o idolatrava. A harmonia familiar só foi abalada quando aos quatro anos de idade vê seu pai casar-se novamente e começa a ter que lidar com o ciúme incontrolável de sua madrasta frente à relação pai e filha.

Mary foi educada basicamente em casa, através dos métodos de sua própria mãe e das sugestões pedagógicas de seu pai, a fim de forçar

[...] a imaginação, a faculdade [...] [que eu] desejo cultivar [...] se cultivada ao todo, deve se iniciar pela juventude. Sem imaginação não se pode ter genuíno ardor em nenhuma causa, ou nenhuma aquisição, e sem imaginação não se pode ter genuína moralidade, nenhum profundo sentimento pela tristeza de outro homem, nenhuma ansiedade ardente e perseverante por seus interesses. Esta é a faculdade que nos torna homens [seres humanos] [...].⁵

Os efeitos são atingidos, já que sua primeira “tentativa literária” é publicada aos onze anos de idade: Mary tomou um de seus versos favoritos, *Mounseer Nongtonpaw* de Charles Dibdin e ampliou em trinta e nove novos quartetos. Também escrevia suas próprias palestras, uma delas intitulada *A Influência do Governo no*

⁵ GODWIN apud MELLOR, Anne K. *Mary Shelley: Her Life, Her Fiction, Her Monsters*. Londres: Routledge, 1988, p. 9.

Caráter das Pessoas, para que o pequeno William lesse aos convidados de seu pai em festividades. Convidados estes que foram influentes no seu modo de pensar, como William Wordsworth, Humphrey Davy, Samuel Coleridge e Charles Lamb.

Proporcionalmente, sua madrasta era sua fonte de ódio e aversão, representando tudo aquilo que era contrário aos estudos de sua mãe: era adepta das práticas educativas sexistas do XIX e aos poucos fazia com que Godwin concordasse em minar o terreno educativo de Mary.

Com cerca de quinze anos de idade, Mary conhece Percy Bysshe Shelley – já famoso rebelde da Universidade de Oxford e escritor – durante um jantar dado pelo pai em sua casa. O jovem, cinco anos mais velho que ela, era discípulo das obras de Godwin e conquistou a intimidade de seu círculo familiar cerca de um mês antes, através de uma carta. Percy era filho de um homem de posses, proporcionando a seu ídolo, sempre endividado, fortes estímulos intelectuais e financeiros. Em curto período de tempo, Mary já compartilhava a fascinação obsessiva de sua família em relação ao rapaz.

Mesmo casado, Percy começou a acompanhá-la em suas peregrinações constantes ao túmulo de sua mãe em *St. Pancras Churchyard*, onde a adolescente lia em voz alta as obras de Wollstonecraft em busca de sua proteção e inspiração. Sete meses após o primeiro encontro, o casal declarou seu amor mútuo. Os sentimentos de Percy, sua idolatria tanto pelos pais de sua amada quanto por ela, foram registrados em verso em sua dedicatória “Para Mary” na obra *The Revolt of Islam* (1818):

Dizem que tu foste amável desde teu nascimento,
 De pais gloriosos, és aspirante criança pura.
 Não me admira que aquela que deixou esta Terra
 Cuja vida foi como um planeta de tenra moldura,
 Agora te vista no resplendor de candura
 De sua glória em partida; ainda assim sua fama
 Brilha em ti, através do temporal de selvageria e negrura
 Que balança estes últimos dias; e podes ser aquela que chama
 O abrigo, de teu genitor, de imortal alcunha.⁶

Quando Godwin descobriu o relacionamento dos dois, indo contra a liberdade sexual e matrimonial defendida por ele e sua falecida esposa, proibiu imediatamente. Percy considerava seu atual casamento já terminado e, após ameaçar cometer suicídio, convenceu Mary a fugirem juntos para França. O casal levou consigo, no entanto, a “dama de companhia” de seus encontros e a irmã postiça de Mary (filha de sua madrasta), Claire. O escândalo foi tremendo: Godwin recusou-se a falar com Mary pelos três anos e meio seguintes, e a nova Sra. Godwin alimentou ainda mais seu ódio pela enteada rebelde quando descobriu que haviam levado sua filha na fuga.

Durante a viagem, Percy encorajava sua amada a escrever. Esperava-se dela tamanho talento comparável ao de seus pais, mas o casal sempre concordou silenciosamente em relação à suposta superioridade de Percy no campo de talento literário. Assim como o comportamento de Wollstonecraft, o amor de Mary fez de seu companheiro – um poeta com obras publicadas – seu mentor, professor e

⁶ SHELLEY, Percy apud MELLOR, op. cit., 1988, p. 21. A tradução livre é minha.

corretor. Uma rotina rigorosa de leitura era seguida a risca, incluindo rudimentos de línguas como grego e latim.

Claire progressivamente se tornou uma presença incômoda na vida de sua irmã; Percy aparentemente tomava suas teorias de “amor livre” a sério, a ponto de sutilmente compor uma vida amorosa a três. Para piorar as coisas, Claire, cujo temperamento era similar ao de sua mãe, era ávida leitora de contos de terror e repetidamente sofria de horríveis pesadelos seguidos de gritos e temores noturnos. A atenção devotada a ela por Percy fazia com que Mary, agora grávida, insistisse em tentar se livrar da companhia indesejada. Apesar de tudo, sua primeira filha, nascida dois meses prematuramente em 22 de fevereiro de 1815, foi nomeada Clara em homenagem à tia.

Treze dias depois, lê-se no diário de Mary a seguinte anotação: “Encontrei minha bebê morta. Me encontrei com Hogg. Conversei. Um dia miserável (sic).”⁷ O seu estado emocional se deteriorou imensamente, vários dos seguintes registros de seu diário carregam menção à criança morta. Uma semana depois do ocorrido, sonhou dois dias consecutivos uma cena que claramente influenciaria sua maior obra de ficção: “Sonhei que minha bebezinha voltava à vida novamente; que ela apenas estava fria, e que nós a esfregamos frente à fogueira, e ela vivia. Acordei e não encontrei bebê alguma. Penso naquela coisinha o dia todo. Não com bons ânimos.”⁸

⁷ SHELLEY, Mary apud MELLOR, op. cit., 1988, p. 32.

⁸ SHELLEY apud MELLOR, op. cit., 1988, p. 32.

Por oito meses, o casal conseguiu livrar-se da companhia de Claire, e Mary engravidou novamente. Seu ânimo e saúde voltaram a brilhar quando em 24 de janeiro de 1816, após um parto sem grandes esforços, dá a luz a um menino. Este é nomeado em homenagem a seu pai e, mesmo com as desavenças paternais, Godwin registrou em seu diário o nascimento do neto William. A orgulhosa mãe finalmente reconquista sua confiança, inspiração e o espírito de que poderia ser mãe dos filhos de Percy, que já era pai de um menino e uma menina do seu relacionamento anterior.

Percy propõe uma viagem à Suíça, em companhia de Claire, para que visitassem o famoso poeta Lord Byron. Mary, satisfeita, aceita o convite e os três se tornam companhias de Byron e Dr. Willlliam Polidori (médico do poeta) na agora mítica estadia dos jovens na Villa Diodati. As conversas do louco, excêntrico e atraente poeta juntamente a seu marido proporcionaram o estímulo intelectual e erótico necessário para que Mary tivesse o mais famoso sonho da história da literatura. Em suas próprias palavras, merecedoras da extensa citação:

[...] acabou sendo um verão úmido e desagradável, e a chuva incessante com frequência nos confinava por dias em casa. Alguns volumes de histórias de fantasmas, traduzidas do alemão para o francês, vieram parar em nossas mãos [...]. “Cada um de nós escreverá uma história de fantasmas”, disse lorde Byron, e a proposta foi por todos aceita. [...] os ilustres poetas, aborrecidos com as trivialidades da prosa, rapidamente abandonaram a tarefa tão pouco apropriada. Eu me preocupei em pensar uma história – uma história capaz de rivalizar com as que haviam nos entusiasmado a escrever as nossas. Que fosse capaz de evocar os medos misteriosos de nossa natureza e incutir um horror arrepiante – capaz de fazer o leitor ter medo de olhar em volta, de lhe

gelar o sangue, de disparar seu coração. [...] Muitas e longas eram as conversas entre lorde Byron e Shelley das quais eu era uma ouvinte aplicada, embora pouco falasse. Em uma delas, várias doutrinas filosóficas foram discutidas, e entre elas a da natureza do princípio da vida e se existiria a probabilidade de ele ser algum dia descoberto e transmitido. [...] Talvez um cadáver pudesse ser reanimado; o galvanismo sugeria coisas parecidas; talvez as partes que compõem uma criatura pudessem ser fabricadas, montadas e dotadas do calor da vida. Essa conversa alongou-se noite adentro, e já passara muito da meia-noite quando enfim retiramo-nos para nossos aposentos. Ao pôr a cabeça no travesseiro eu não conseguia dormir, e tampouco se pode dizer que eu estava desperta. Minha imaginação, espontaneamente, me possuiu [...] [e] eu vi o pálido estudante das ciências ocultas de joelhos ao lado da coisa que construía. Vi o espectro horrível de um homem estirado, que então, ao pôr-se em ação uma poderosa máquina, mostra sinais de vida e se agita em movimentos difíceis, só parcialmente vivos. Horrendo, é só o que ele pode ser, pois supremamente horrendo seria o efeito de qualquer esforço humano de caricaturar os estupendos desígnios do Criador [...]. Rápida como a luz, e tão reconfortante quanto ela, foi a ideia que se revelou a mim. “Encontrei-a! O que me aterrorizou também aos outros aterrorizará; tudo o que preciso é descrever o espectro que veio me assombrar à meia-noite.”⁹

O pesadelo de Mary, segundo o prefácio de sua edição de 1831 de *Frankenstein*, foi o responsável por sua grande obra prima. Inicialmente um conto de poucas páginas, foi expandido em um romance a sugestão de Percy Shelley e publicado anonimamente em 1818. Somente alguns anos depois, frente a sua relativa boa recepção, sua autoria seria revelada. O marido da autora, no entanto, colaborou com a correção constante de seus manuscritos e sugeriu diversas substituições de passagens do romance. Atualmente já é

⁹ SHELLEY, Mary. *Frankenstein*. São Paulo: Ática, 2006, p. 13-16.

possível afirmar que algumas destas modificações foram acatadas por Mary e outras claramente rejeitadas¹⁰, reiterando seu poder sobre a própria obra e contrariando críticos literários conservadores que afirmavam até os anos 1980 que *Frankenstein* deveria ser atribuído à autoria exclusiva de Percy Shelley.

Frankenstein ilustra a busca incessante de um cientista sedento por reverter a morte humana. Victor Frankenstein é um jovem rapaz, filho de uma família de riqueza considerável, que se mostra um pequeno prodígio e orgulho dos pais do momento em que nasceu até ser aceito na Universidade de Igolstadt, na Alemanha. Sua mãe adoece gravemente e falece, golpeando Victor psicologicamente e fazendo-o adquirir o ímpeto de triunfar sobre a mortalidade dos seres. Alimentado por seus estudos universitários nos ramos da química, física e anatomia; o ápice da obra se dá no momento de loucura e falta de escrúpulos em que sua cria – um homem construído com partes cadavéricas minuciosamente selecionadas e roubadas de túmulos – está deitado sobre a mesa esperando o teste definitivo da genial descoberta de Frankenstein: o segredo da vida. Em uma tempestuosa noite, os primeiros movimentos convulsivos do ser fazem o cientista se dar conta da monstruosidade que ganhou vida em suas mãos. A criatura

¹⁰ Vide as correções manuscritas de Percy e contra-anoações de Mary no The Shelley-Godwin Archive, projeto de digitalização e divulgação virtual dos diversos manuscritos da obra. Esta iniciativa se deu como acordo entre diversas bibliotecas britânicas e norte-americanas portadoras dos documentos analisados. Disponível em: <<http://shelleygodwinarchive.org/>>. Acesso em: 30 out. 2013.

sem nome escapará de suas rédeas e, indestrutível, provocará – literalmente – a desgraça e morte de todos que cruzarem seu caminho.¹¹

O romance, herança da corrente de pensamento gótico e fantástico na literatura do XVIII, é repleto de referências científicas de sua época. A escassez de corpos para estudo anatômico nas faculdades de medicina britânicas era gritante: somente os criminosos condenados à morte teriam a doação involuntária de seus cadáveres aos estudantes, o problema se dava no cabo de guerra criado entre escolas públicas e particulares de anatomia. Legalmente, as únicas agraciadas com a recepção de corpos eram as instituições públicas, que faziam questão de defender seu monopólio a unhas e dentes. A títulos numéricos, em 1828, registrava-se oitocentos alunos cursando escolas de anatomia, destes, quinhentos afirmavam trabalhar com dissecação; enquanto o fornecimento de corpos oficial beirava quatrocentos e cinquenta ou quinhentos *por ano*, ou seja, menos de um por aluno.¹² E, três anos depois, os números oficiais registraram que *onze* corpos foram disponibilizados no ano em que cerca de novecentos alunos estudavam anatomia na cidade de Londres.¹³

¹¹ É um erro terrivelmente comum a atribuição do sobrenome “Frankenstein” como nome de sua criatura. Ela, no entanto, nunca foi nomeada e é referida apenas por vocativos negativos como “monstro”, “demônio” ou “desgraçado”.

¹² Cf. BAILEY, James Blake. *The Dairy of a Resurrectionist*. Londres: Swan Sonnenschein and Company, 1896, Capítulo II, segunda seção. Disponível em: <<http://www.gutenberg.org/ebooks/32614>>. Acesso em: 17 mar. 2013.

¹³ MACDONALD, Helen. *Human Remains: dissection and its histories*. 2. ed. Londres: Yale University Press, 2006, p. 11.

Surgiu então a profissão ilegal dos “ressurrecionistas”, gangues de homens e, ocasionalmente, mulheres que adentravam cemitérios durante a noite e violavam túmulos frescos. Eram responsáveis por suprir a sede por corpos. Lidando diretamente com os professores de anatomia, estabelecendo um mercado estável a ponto de regularem inflação de preços quando oportuno e até chantagens. O *modus operandi* dos “profissionais” da área dava-se basicamente da seguinte maneira: abriam a cova nova através de diversas medidas criativas de remoção de terra e enlaçamento do caixão, despiam o corpo por completo e o transportavam até a universidade ou médico mais próximo e/ou interessado em sua compra.¹⁴

Cena tão detalhada não é presente no romance de Mary Shelley. Enquanto Dr. Frankenstein reúne os materiais necessários para a construção de sua criatura, nos diz que, por sorte, sua infância fora afastada de superstições fantasmagóricas. O medo do sobrenatural em seus intentos não o atingia. Mary, no entanto, em campo polifônico, conseguiu absorver as questões morais envolvidas nos casos dos ladrões de corpos e as herdou a seu protagonista.

Quem seria capaz de imaginar os horrores de minha empresa secreta, profanando sepulturas úmidas, torturando animais vivos, só para animar o barro sem vida? Minhas mãos tremem, meus olhos se enchem

¹⁴ O corpo em si pertencia à Igreja, à salvação espiritual. A Lei cobria e protegia apenas os bens *materiais* dos indivíduos, o que, na época, não incluía o próprio cadáver dos mesmos. Os únicos casos criminosos que poderiam ser registrados precisavam basear suas acusações na categoria *furto de bens*. Um cadáver roubado nu não configurava crime, mas um cadáver roubado com uma meia ou peça de roupa poderia ser utilizado como desculpa para emprego da legislação.

de lágrimas com a lembrança; mas um impulso irresistível, quase frenético, me impelia a prosseguir; eu parecia ter perdido a alma, todas as emoções, só o que restava era essa minha ambição. Foi de fato um transe passageiro, que eu lamentei seriamente quando, tendo cessado o estímulo aberrante, voltei aos meus velhos hábitos. Recolhi ossos em necrotérios, perturbei com dedos profanos os segredos tremendos do corpo humano. Era num quarto, ou melhor, numa cela solitária no alto da casa, separada de todos os outros apartamentos por um corredor e uma escada, que ficava a oficina onde eu perpetrava minha criação imunda; tinha os olhos já cansados de tanto me concentrar nos detalhes de meu serviço. A sala de dissecação e o matadouro forneceram a maior parte de meu material; e com frequência minha própria natureza humana ficava repugnada com aquele trabalho que, impelido por uma impaciência sempre crescente, eu estava prestes a concluir.¹⁵

Além da discussão de ponto de vista moral frente à “matéria prima” humana utilizada por cientistas em laboratório, Mary conseguiu absorver as reações estupefatas do público “leigo” (leia-se: “não médico-acadêmico”) perante apresentações de cientistas como Professor Aldini. Luigi Galvani, cientista, investigou entre 1780 e 1790 a aplicação de impulsos elétricos em animais dissecados a fim de fazer os músculos se moverem (o famoso experimento com um fio nu e a perna de um sapo morto). Mas foi o Professor Giovanni Aldini que foi além e resolveu experimentar em cadáveres, fazendo performances públicas durante o início do século XIX.

Lendo os registros dos trabalhos desse cientista no Colégio [de Cirurgias] em 1803, não é difícil percebermos o porquê acreditavam que este tipo de homem [cientistas] gostava de brincar de Deus. Sempre ciente de sua platéia, Aldini fazia os mortos produzirem truques. Se gabava que, na Europa, uma vez colocou a cabeça de

¹⁵ SHELLEY, op. cit., 2006, p. 62-63.

dois criminosos decapitados em mesas separadas e conectou ambos com um arco elétrico a fim de fazerem caretas, ao ponto de realmente assustar os espectadores. Também fez a mão de um homem sem cabeça pegar uma moeda e jogá-la para o outro lado da sala.¹⁶

Um dos experimentos de Aldini é assustadoramente familiar com a cena de reanimação da criatura no laboratório de Frankenstein. Ao aplicar eletricidade no corpo de um assassino condenado,

Sua mandíbula tremeu, o olho esquerdo se abriu, e sua face convulsionou. Quando os condutores foram aplicados em sua orelha e reto, as contrações musculares resultantes ‘quase [deram] uma aparência de reanimação’. Uma mão cerrou o punho e a aurícula [cavidade] direita do coração se contraiu. A platéia de Aldini ficou maravilhada com os sinais de movimento.¹⁷

Agora, comparemos com o “nascimento” da criatura de Mary Shelley:

Foi numa lúgubre noite de novembro que eu contemplei o resultado de meus esforços. Com uma ansiedade muito próxima da agonia reuni os instrumentos da vida em torno de mim, com os quais infundir uma centelha de vida à coisa inerte que jazia a meus pés. Era já quase uma da manhã; a chuva tamborilava sombria nas vidraças, e minha vela estava quase no fim quando, sob a luz bruxuleante da chama quase extinta, eu vi o baço olho amarelo da criatura se abrir; respirou fundo, e um movimento convulsivo agitou seus membros.¹⁸

O exemplo polifônico-dialógico acima é um dos mais explícitos no romance. A sequência de reações orgânicas em ambos cadáveres, a terminologia utilizada e inclusive o efeito de verossimilhança

¹⁶ MACDONALD, op. cit., 2006, p. 15.

¹⁷ MACDONALD, op. cit., 2006, p. 17.

¹⁸ SHELLEY, op. cit., 2006, p. 65.

criado pelo relato fictício demonstram, no laboratório de Frankenstein, a presença das especulações científicas feitas pelos homens da medicina dos laboratórios reais. Mary, como integrante da “plateia maravilhada” frente ao galvanismo, mas também de uma profissão (a de escritora) que permitia a elaboração de especulações fantasiosas, deu um passo além dos cientistas reais: fez com que um monstro feito de retalhos cadavéricos humanos retornasse à vida e proporcionasse a desgraça de seu audacioso criador.

Com sua capacidade de mesclar o terror gótico, o fascínio científico da época e suas dores e frustrações pessoais como figura feminina da sociedade pré-vitoriana, Mary fundou um gênero novo na literatura: a ficção científica. É costume identificar, nos autores deste tipo de ficção, traços proféticos em relação ao futuro. Suas mentes, aliadas a argumentos contemporâneos, são capazes de produzir histórias que espantam o público leitor não somente pela inventividade, mas por sua possível concretização. Mary Shelley pode ser aclamada como a fundadora do gênero, mesmo sem que explicitamente fosse uma estudiosa da ciência, justamente por ter conseguido reunir a herança mitológica, alquímica, renascentista de seu próprio século em uma obra que hoje já faz parte do imaginário popular. Seu romance conseguiu captar os debates éticos e morais ao redor da metodologia científica.

É incrível notar que sua história de horror continua ditando os intermináveis embates éticos que envolvem o surgimento de projetos como o Genoma, desvendando cada minúsculo fragmento

do desenvolvimento da vida no corpo humano, ou a aplicação de células tronco para curar doenças antes irreversíveis, agora podendo até mesmo gerar novos órgãos inteiros. A obra de Mary, segundo John Turney, dita até hoje as leis da bioética e o possível perigo de se manipular a vida através de uma ciência sem escrúpulos. Transcendendo as páginas da ficção, seu desejo se realizou: “e agora, uma vez mais, que minha hedionda criatura parta e prospere.”¹⁹

Referências

- BAILEY, James Blake. *The Dairy of a Resurrectionist*. Londres: Swan Sonnenschein and Company, 1896. Disponível em: <<http://www.gutenberg.org/ebooks/32614>>. Acesso em: 17 mar. 2013.
- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. 6. ed. São Paulo: HUCITEC, 2010.
- CHARTIER, Roger. Textos, impressão, leituras. In: HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- MACDONALD, Helen. *Human Remains: dissection and its histories*. 2. ed. Londres: Yale University Press, 2006.
- MELLOR, Anne K. *Mary Shelley: Her Life, Her Fiction, Her Monsters*. Londres: Routledge, 1988.

¹⁹ SHELLEY, op. cit., 2006, p. 16.

MOTTA, Ivania Pocinho. *A importância de Ser Mary*. São Paulo: Annablume, 2009.

SHELLEY, Mary. *Frankenstein*. São Paulo: Ática, 2006.

THE SHELLEY-GODWIN ARCHIVE. Disponível em: <<http://shelleygodwinarchive.org/>>. Acesso em: 30 out. 2013.

Recebido em 14 de setembro de 2013; aprovado em 28 de novembro de 2013.